

# Guilherme de Azevedo – Velha farsa

Rufa ao longe um tambor. Dir-se-ia ser o arranco  
Dum mundo que desaba; aí vai tudo em tropel!  
Vão ver passar na rua um velho saltimbanco  
E uma fera que dança atada a um cordel.

Ó funâmbulos vis, comediantes rotos,  
O vosso riso alvar agrada à multidão!  
E quando vós passais o arcanjo dos esgotos  
Atira-vos a flor que mais encontra à mão!  
Lá vai tudo a correr: são as grotescas danças  
Duns velhos animais que já foram cruéis  
E agora vão sofrendo os risos das crianças  
E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabelado e pálido,  
Da fera sanguinária o instinto vil e mau,  
E vai chicoteando um urso meio inválido  
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de pau.

Depois inclina a face e obriga a que lha beije  
A fera legendária olhada com pavor:  
E uma deusa gentil, vestida de barege,  
Anuncia o prodígio a rufo de tambor!

E as mães erguem ao colo uns filhos enfezados  
Que nunca tinham visto a luz dos ouropéis:  
E cresce à multidão a turba dos soldados,  
– ao hilota da cidade o escravo dos quartéis.

E o funâmbulo grita; impõe qual evangelho  
À turba extasiada a grande narração.  
E sobre um cão enfermo um orangotango velho  
Passeia nobremente os gestos de truão.  
Correi de toda a parte, aligeirai o passo,

Deixai a grande lida e vinde à rua ver  
As prendas dum fera, as galas dum palhaço,  
E um arcanjo que sua e pede de beber!

A tua imagem tens, ó povo legendário  
No cômico festim que mal podes pagar,  
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedário  
Que a vara do histrião nas praças faz dançar.

**Guilherme de Azevedo, A alma nova**